

Documentação  
 OESP (geral)  
 data 3/6/2001 PG. 114  
 CLASS. 117

AMAZÔNIA

# Jari, um sonho de US\$ 1 bilhão perto do fim

Fotos Eduardo Nunomura/AE

**Projeto agroindustrial dos anos 60 fracassou, deixando uma herança de problemas sociais**

EDUARDO NUNOMURA  
 Enviado Especial

**L**ARANJAL DO JARI - O passado e o futuro se encontram em Laranjal do Jari, no sul do Amapá. De um lado, um sonho antigo de transformar essa região da Amazônia num extraordinário pólo agroindustrial, exportador de papel e celulose e produtor de arroz. Do outro, a vontade de fazer caboclos virarem homens de negócios, vendedores de castanha beneficiada na forma de azeite e biscoitos. No meio disso tudo, uma população de quase 30 mil pessoas à espera de uma vida melhor.

Laranjal do Jari é um povoado que virou cidade, ganhou prefeitura, mas ainda padece da falta de infraestrutura. Atraídos pela oportunidade de emprego do Projeto Jari, milhares de pessoas migraram para as margens do Rio Jari a partir do fim dos anos 60. Formaram o Beiradão, um aglomerado de palafitas que existe até hoje.

"Antes andávamos sobre duas tábuas", explica a professora Raimunda Nonato Ferreira Barbosa, de 51 anos. Agora, aumentaram as tábuas, mas as casas de madeira continuam pregadas umas nas outras. A escola da professora Raimunda convive com bares e prostíbulos a menos de 100 metros de distância. "As crianças ficam jogando bilhar nos bares e há meninas de 12 anos grávidas", lamenta.

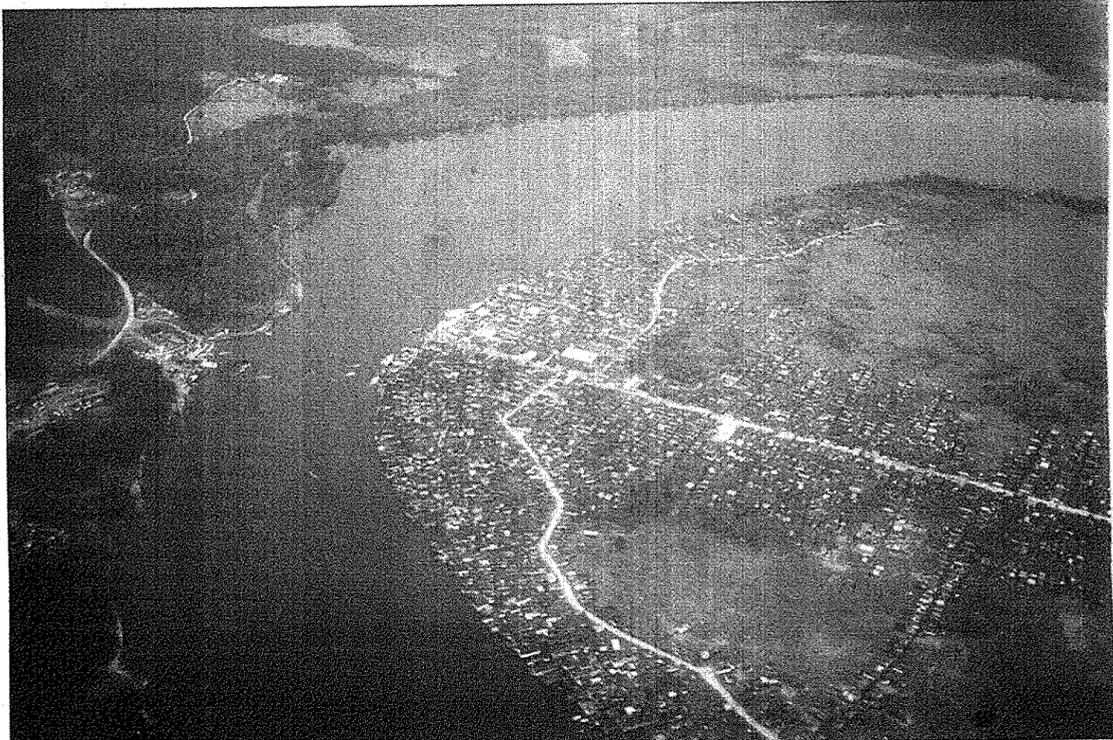
"Isto aqui nunca vai mudar. O município é pequeno, tem poucos recursos e fica dependente do Estado e da prefeitura", afirma Edivan Gomes, responsável por um posto de saúde municipal. Cerca de 300 pessoas passam diariamente pelo local, vítimas de doenças como malária, hanseníase e, ultimamente, o tifo. Os cinco médicos dão conta do atendimento, mas faltam remédios. A solução encontrada por Gomes foi pedir aos pacientes que buscassem os medicamentos no hospital estadual. Segundo ele, por causa de disputas políticas, mais de 300 receitas foram recusadas pelo hospital nos últimos meses.

Na última década, a população de Laranjal do Jari cresceu mais de 30%, índice desproporcional ao número de empregos que surgem na região. Na época da criação do Projeto Jari, 25 mil pessoas foram empregadas. Hoje, a Jarcel Celulose é responsável por 3 mil empregos diretos e indiretos. Na região, vive-se com um olhar no passado, quando choviam dólares e surgiu ali um modelo de colonização da Amazônia.

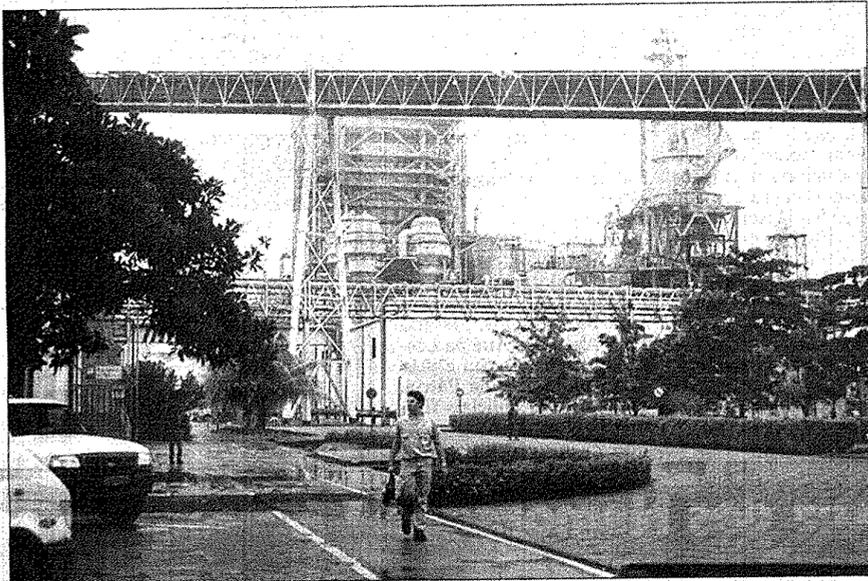
**Aventura** - O milionário americano Daniel Ludwig torrou quase US\$ 1 bilhão de sua fortuna para tentar criar um pólo de desenvolvimento na que foi a maior fazenda particular do mundo, a Jari Florestal e Agropecuária, mais de dez vezes maior que a cidade de São Paulo. O 1,6 milhão de hectares avançava sobre o Pará e Amapá. Atraído pelo governo militar, Ludwig chegou ao País em 1967, com mais de 70 anos, acreditando que o mundo precisaria de muito papel e arroz.

Sempre apressado, Ludwig decidiu importar uma usina pré-montada e uma termogeneradora do Japão. O transporte das duas unidades de 30 mil toneladas foi feita por duas balsas, com a impressionante travessia do Índico ao Atlântico, navegando por mais de 26 mil quilômetros de oceano e aportando no interior da Amazônia.

O americano trouxe também da Ásia a gmelina, uma árvore para produzir a celulose. A espécie não resistiu às pragas e agora a matéria-prima é o eucalipto. Projetou a produção de ar-



Vista aérea do Beiradão, em Laranjal do Jari: aglomerado de palafitas que cresceu com a possibilidade de desenvolvimento da região



Fábrica de celulose da Jarcel fornece cerca de 3 mil empregos diretos e indiretos para a população



Estamos começando devagar, mas vamos melhorar  
 Teresa de Jesus Rodrigues da Silva, de 42 anos

roz em 14 mil hectares. Hoje, nem um grão sai dessas terras. Tentou criar 100 mil cabeças de gado. Foi um fiasco. Atualmente, os 9 mil búfalos servem apenas para ocupar a propriedade e alimentar os funcionários.

**Ecoturismo** - Nos anos 80, o projeto caiu em desgraça aos olhos do governo. Em 1982, Ludwig vendeu o seu sonho para empresários brasileiros. De lá para cá, a empresa já trocou de mãos duas vezes. No ano passado, a Saga Holding assumiu o negócio por US\$ 1 milhão e uma dívida de US\$ 450 milhões. Nos próximos dez anos, 80% de um lucro eventual será destinado aos credores, entre eles 18 bancos. "A celulose será um dos negócios. Teremos ainda o manejo sustentável da madeira e a possibilidade de investimento no ecoturismo. Vamos criar um pólo de desenvolvimento", promete Sergio Amoroso, controlador da Saga Holding e do Grupo Orsa.

O governador do Amapá, João Alberto Capiberibe, considera o Projeto Jari um "grandioso fracasso" e responsável por inúmeros problemas sociais. Prefere trabalhar em outras frentes, ajudando a formar cooperativas de seringueiros e castanheiros. Vende como uma das vedetes de seu governo a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Iratapuru, onde está sendo instalada uma fábrica de beneficiamento da castanha.

No passado, os castanheiros chegavam a trocar 50 quilos do produto por uma lata de leite em pó. Agora, como cooperados, livraram-se dos atravessadores e poderão produzir biscoitos, óleo e azeite da castanha. Serão microempresários.

Na prática, 37 famílias participam da Cooperativa Mista dos Produtores Extrativistas do Rio Iratapuru. As mulheres poderão abandonar a vida dura

no mato para trabalhar na fábrica. É o caso de Teresa de Jesus Rodrigues da Silva, de 42 anos. Antes, ela chegava a carregar nas costas três latas de castanha, em mais de 3 horas de caminhadas diárias. Com a nova função, de biscoiteira, espera comprar uma TV e um rádio. "Estamos começando devagar, mas vamos melhorar."

A fabricante de cosméticos Natura já compra parte do óleo, só que de outra cooperativa, em Laranjal do Jari. A Comaja conta com mais de 200 associados e beneficia 1.500 quilos de castanha por dia. Os biscoitos das duas cooperativas serão vendidos inicialmente para reforçar a merenda das escolas de Macapá. O governo acionou o Instituto de Estudos e Pesquisa do Amapá para apoiar os cooperados da região. Quer, assim, encontrar novos produtos e aprimorá-los para tornarem-se viáveis economicamente.

"Para essas famílias, a castanha é um exemplo. Mas o produto não é suficiente para desenvolver um Estado", critica Cristóvão Lins, diretor da Jarcel e autor de dois livros sobre o Jari. "O extrativismo vai acabar com a região, porque não há riquezas suficientes para toda população."

O agrônomo Lins é defensor do projeto de Ludwig e acredita que a região possa crescer, se houver geração de energia. Há um projeto pronto para a construção, no Rio Jari, da usina hidrelétrica de Santo Antônio, que depende do aval do BNDES da ordem de US\$ 100 milhões.

A expressão desenvolvimento sustentável pode ser ouvida tanto do governador Capiberibe quanto do empresário Amoroso. No fundo, dois discursos que insistem em seguir separados, enquanto os quase 30 mil moradores de Laranjal do Jari esperam por dias melhores.

**P**ROJETO EMPREGAVA 25 MIL PESSOAS



Trabalhadoras em fábrica de biscoitos: reforço na merenda escolar

